

“Depois do Abrigo” e o abraço jornalístico

Robson G. Rodrigues

“Essas foram as matérias mais difíceis que já fiz na vida porque abordam temas muito fortes da vida dessas crianças. Tive cuidado como nunca tive antes. Uma palavra fora do lugar podia comprometer essas crianças, é uma situação muito delicada essa em que elas vivem. Portanto, eu mesma tive a consciência de protegê-las em muitos momentos para não as expor diante de uma sociedade tão punitivista e tão conservadora”

(Conceição Freitas)

Introdução

Durante as sextas-feiras de agosto de 2014, uma tocante série de reportagens escritas por Conceição Freitas foram publicadas pelo jornal Correio Braziliense. Nelas, jovens recém-saídos de abrigo onde passaram quase toda a vida narram à jornalista a como foi experiência na casa de adoção, episódios traumáticos e o desfecho — positivo a todos.

“Depois do abrigo”, como foi intitulada a série, consiste em cinco reportagens com textos sobre a situação geral das casas de adoção combinados com a história de seis personagens. Enquanto os dados nos contextualizam a cena generalizada desses lugares, os casos particulares nos carregam para dentro dos dramas vividos em abrigos. Rinhas de crianças promovidas sob aposta; estupros; violências; noite dormidas na rua e fome são alguns dos terrores que fizeram parte da vida das moças e dos rapazes abordagens na reportagem — e eles, infelizmente, são apenas parcela das diversas vítimas infantis de abusos semelhantes.

Leonardo, Carina, uma moça em anonimato, Anderson, Marcos e Josiane abrem suas vidas para Conceição Freitas. Eles contrariaram expectativas lançadas a ex-abrigados e alcançaram um desfecho favorável ao completarem 18 anos — idade com que devem sair para o mundo. Ao atingir a maioridade, por lei, eles deveriam ganhar tutela do Estado, mas, no Distrito

Federal, não é oferecido apoio a pessoas saídas do abrigo. Para descrever o destino de personagens como os da reportagem, Conceição, em 2014, escreveu em seu primeiro texto da série “Depois do Abrigo”:

São poucos, ainda, os meninos e as meninas que, crescidos, conseguem viabilizar uma vida cidadã depois da passagem pelo abrigo e do abandono anterior. Há os que dão o salto para além do que deles se esperava. São jovens com incrível capacidade de resiliência que aprenderam a transformar dor em afirmação, medo em coragem, perdas em conquistas.

Fica nítido o tom literário — eficaz — com que ela escreve. As figuras de linguagem a auxiliam quando quer transmitir doçura e tensão. Sempre analítica, nas duas primeiras reportagens ela compõe um breve texto à parte com explicações sobre o tema, números importantes relacionados e algumas aspas de especialistas. Nos casos individuais dos personagens a jornalista abre espaço para que eles falem: longas aspas preenchem a narrativa à qual ela se dá poucas linhas.

Todas as reportagens — com exceção de uma referente à moça anônima — sobre os casos particulares seguem estrutura quase cronológica, com poucas alternâncias no tempo. Conceição parte do período em que a raiz dos problemas, responsáveis por levar aquelas crianças a um abrigo, começa a suscitar. Em seguida, já no abrigo, são narrados os dramas vividos e os laços lá criados. Para finalizar, o leitor tem contato com a situação atual das moças e rapazes — que conseguiram estudar e se profissionalizar — e perspectivas futuras de cada um.

A série de reportagens inspirou a peça teatral “À Margem do Abrigo”, lançada em outubro de 2017, idealizada pela cenógrafa Maria Carmen e dirigida e roteirizada pelo jornalista e dramaturgo Sérgio Maggio. Ao ser contatada em busca de autorização, Conceição não só permitiu que as histórias das reportagens fossem adaptadas para a peça, como assessorou o espetáculo à imprensa.

Ética envolvida

A partir de fontes humanas, Conceição Freitas reconstrói dramas trágicos de jovens que passaram boa parte da vida em abrigos. A jornalista consegue abordar com delicadeza e respeito as tragédias vividas por crianças e adolescentes e a ela confiados. A doçura e lirismo são utilizados em tempo relativo à vida presente — à época — dos personagens (nestes momentos, a descrição analítica do que ela observa assemelha-se em uso às crônicas jornalísticas). O passado triste, contudo, é dosado. “Uma palavra fora do lugar podia comprometer essas crianças”, disse em entrevista ao *Correio Braziliense*¹.

Sem recorrer a sensacionalismo, a série de reportagem sobre tema pouco abordado é impregnado de interesse público. A realidade de crianças que sofrem abuso e a situação de abrigos é tema urgente para a sociedade. Ao levantar o assunto, a jornalista promove debate sobre outro tema importante: o descaso para com jovens adolescentes órfãos. Sobre isso, Conceição escreve na segunda reportagem:

A matemática da adoção é bizarra. Existem 31.643 pretendentes inscritos no Cadastro Nacional de Adoção e 5.487 crianças e adolescentes à espera de famílias que os adotem. Fosse feita a subtração elementar, haveria 26.156 pais na fila da adoção e nenhuma criança sem pai nem mãe. A conta é irreal porque a absoluta maioria dos candidatos a pais — 31.010 — querem filhos de até 6 anos.

As informações sobre personagens são mínimas — mesmo apesar dos desfechos relativamente positivos. A ideia era preservar a imagem deles. Em entrevista ao *Correio Braziliense* a jornalista conta que “essas foram as matérias mais difíceis que já fiz na vida”. O obstáculo, é claro, foi ela quem se deu, motivada pela reflexão ética, ao evitar prejudicar a vida já fortemente marcada daquelas pessoas. Ela confessa: “eu mesma tive a consciência de protegê-las em muitos momentos”. Tal conduta entra em acordo com o inciso IV do art. 7º do capítulo II do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que busca preservar a dignidade de pessoas em situações frágeis.

¹ Série de reportagens sobre ex-abrigados inspiram peça teatral. Disponível em <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/me_gerais/2017/10/06/me_gerais_interna,631934/cronicas-sobre-ex-abrigados-inspiram-peca-teatral.shtml>

[O jornalista não pode] expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais.

O caso mais drástico é o da jovem que não identificada (narrado na segunda parte da segunda reportagem). Violentada pelo próprio pai dos 6 aos 13 anos, ela ficou grávida sem saber como bebês são gerados; achava que os estupros sofridos eram comuns a todas as crianças. Ao contrário dos demais casos, em que os jovens são identificados por nome e por foto, neste, provavelmente pelo teor do tema, o leitor não tem acesso a essas informações.

Segundo o art. 5º do capítulo II do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros: “É direito do jornalista resguardar o sigilo da fonte”. Fazendo uso do direito que lhe é dado, Conceição opta pelo lado ético, em que possíveis danos à personagens que poderiam ser provocados como consequência da exposição midiática são suprimidos. A foto e nome da garota contribuiriam com o material jornalístico agregando credibilidade ao conteúdo. Contudo, a divulgação identificada poderia fazer com que a personagem fosse sempre vista pela ótica de quem sofreu violência sexual — uma eterna vítima —, o que a atrapalharia a superar ou suavizar o trauma.

O trauma pode ser caracterizado como a memória de um passado que persiste – insiste em não passar –, e que portanto desordena a estrutura temporal do sujeito afetado por ele. (BARBOSA e CARVALHO, 2016, p. 21).

Ciente de como funciona o trauma, Conceição busca dar a noção aos leitores do significado da palavra. “Passaram-se oito anos desde aqueles dias, mas poderiam ser oito séculos, oito milênios”, escreveu nas primeiras linhas da reportagem em cuja chamada lê-se “A garota que superou o insuperável”. No lugar de uma foto do rosto da garota, foi escolhida uma imagem da sombra dela repleta de simbolismos.

jornalista abraçasse cada um deles com a escuta atenta e palavras escritas ora de forma doce ora, querendo chamar atenção àquelas realidades.

Conclusão

É com notável preocupação para o tema que Conceição Freitas aborda o drama de jovens que sofreram todo tipo de abuso em ambiente familiar e, depois nos abrigos. Cuidadosa, ela preservou a identidade da fonte humana quando viu necessidade; procurou oferecer poucos dados sobre os personagens e guardar o texto para o que interessa: a realidade de milhares de crianças e adolescentes refletidos naqueles seis jovens.

Enquanto muitas pessoas culpam a vítima pela situação em que se encontram, a jornalista deixa claro que o destino positivo dessas pessoas é resultado de incrível capacidade de superação — algo difícil de se reproduzir. Foram resilientes à miséria e à violência não sucumbindo ao crime, apesar do ambiente desfavorável em que foram criados na infância.

Além do texto — belo e que flerta com a literatura — é exemplar atitude da jornalista ao abordar tema urgente e carente de cobertura.

Referências

- CONCEIÇÃO, F. (1 de agosto de 2014). Depois do abrigo. *Correio Braziliense* p. 26.
- CONCEIÇÃO, F. (8 de agosto de 2014). Depois do abrigo. *Correio Braziliense* pp. 20 - 21.
- CONCEIÇÃO, F. (15 de agosto de 2014). Depois do abrigo. *Correio Braziliense* p. 28.
- CONCEIÇÃO, F. (22 de agosto de 2014). Depois do abrigo. *Correio Braziliense* p. 26.
- CONCEIÇÃO, F. (29 de agosto de 2014). Depois do abrigo. *Correio Braziliense* p. 26.
- BARBOSA, K. e CARVALHO, A. Narrativas do trauma no jornalismo local: o rompimento da barragem da Samarco em Mariana, 2016.

Disponível

em:

<

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/1984-6924.2016v13n2p19/33608>>

- Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Vitória: FENAJ, 2007.
- *Série de reportagens sobre ex-abrigados inspiram peça teatral.*
Disponível em <http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/me_gerais/2017/10/06/me_gerais_interna,631934/cronicas-sobre-ex-abrigados-inspiram-peca-teatral.shtml>